



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Causas e Formas de Depredação do
Patrimônio Físico de uma Escola Pública de
Uberlândia**

Rodrigo Alves dos Reis

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas.

Uberlândia - MG
Julho 2005



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Causas e Formas de Depredação do
Patrimônio Físico de uma Escola Pública de
Uberlândia**

Rodrigo Alves dos Reis

Aprovado Pela Banca Examinadora Em 12 / 07 / 05 Nota: 94,00

Cecília Lomônaco de Paula

Nilson dos Santos Reis

Renata do Carmo de Oliveira

Uberlândia, 12 de Julho de 2005.

Agradecimentos

Senhor Deus muito obrigado por mais esta conquista. Sei que Tu estás presente na vida de todos. Esta realização é somente mais uma das várias provas de que estás em minha vida. Quero te agradecer, pois nos momentos mais difíceis Tu me apoiaste e me ajudaste neste trabalho. Muito obrigado.

Aos meus pais que me geraram e me forneceram abrigo, proteção e apoio. Espero que um dia Deus retribua em dobro tudo que fizeram por mim.

A todos os mestres que me ensinaram e me capacitaram a redigir esta monografia.

A minha orientadora, Cecília Lomônaco de Paula que nunca desistiu de mim e sempre me apoiou neste trabalho. Que Deus recompense, em dobro, todos os seus esforços. Muito Obrigado.

A todas as pessoas da Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza, sem os quais seria impossível realizar este trabalho. Muito obrigado por me agüentarem, por serem tão educados e tão receptivos comigo. Sem vocês eu não teria conseguido nem o diploma de licenciatura.

A todos os meus amigos. Em especial um muito obrigado ao meu parceiro Patrick Hernand Leonel Rezende. Caro Patrick, que Deus o ilumine muito nesta vida, pois sem você este projeto não teria saído do papel ou do rascunho. Um obrigado ao meu amigo Lucas Rodrigues Vieira.

A todos que eu amo. Muito obrigado ao amor e compreensão de todos, tenho certeza que isto foi fundamental na execução de todo o trabalho. Em especial para minha irmã, Tais Alves dos Reis, muito obrigado Tais tenho certeza que sem você esta conquista seria em vão.

Um obrigado muito especial a Vanessa Martins Silva, pessoa que eu amo muito e tenho certeza que a recíproca é verdadeira. Vanessa. Sem teu amor e carinho não teria conseguido. Muito obrigado.

Resumo

O levantamento e a análise das causas da depredação pode constituir-se uma importante ferramenta para um trabalho dirigido de conscientização da comunidade escolar em prol da preservação do patrimônio comum. Nesta perspectiva, este trabalho investigou as formas de depredação do patrimônio físico na Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza, em Uberlândia, MG, que recebe cerca de 1.627 alunos para cursar o ensino médio e fundamental. Também foi investigado, por meio de entrevistas feitas com os representantes da comunidade escolar, o que eles achavam da depredação da escola, as causas e possíveis soluções para este problema. A pesquisa ouviu 120 alunos, sendo 40 em cada turno, e seis professores, a coordenação pedagógica, os diretores de turno e o diretor escolar. Cerca de 60% dos alunos entrevistados disseram que a depredação é um fato comum na instituição. As formas de depredação mais freqüentes, apontadas pelos entrevistados foram danos ao patrimônio físico e ao mobiliário. Observou-se que a grande maioria (92,4%) não gosta de ver a escola depredada. Os principais motivos indicados como causa da depredação foram citados aspectos sociais, culturais e psicológicos. Notou-se que os alunos, de modo geral, não percebem que o patrimônio público da escola também pertence a eles e que recursos públicos são gastos para sua manutenção. Para resolver ou minimizar o problema do vandalismo escolar, as soluções e ações apontadas foram: trabalhos de conscientização feitos por psicólogos ou outros profissionais especializados, palestras e conversas para a informar os alunos sobre a importância da preservação do patrimônio físico da escola e sua relação com a melhoria da qualidade de ensino. Os dirigentes apontaram a falta de estrutura familiar e a sociedade coercitiva e excludente como as principais causas da depredação. Acreditamos que todos os profissionais envolvidos com a educação escolar, bem como os pais de aluno poderiam se envolver em um projeto coletivo em prol da preservação do patrimônio público da escola.

Palavras-Chave: Depredação, Ensino, Escola Pública, Vandalismo.

Sumário

1. Introdução.....	1
2. Problema.....	4
3. Objetivos.....	5
3.1. Objetivo Geral.....	5
3.2. Objetivos específicos.....	5
4. Metodologia.....	6
5. Resultados.....	8
5.1. Caracterização das causas e formas de depredação na escola	8
5.2. Opinião dos alunos sobre a depredação escolar	8
5.3. Opinião dos professores e dirigentes sobre a depredação escolar.....	16
6. Discussão.....	23
7. Considerações Finais.....	27
8. Bibliografia	28

1. Introdução

A depredação pode ser vista em todos os âmbitos, tipos e formas do patrimônio público e privado. É, contudo, mais observado no patrimônio público de uso comunitário, como é o caso das Escolas (SANTOS & BOTELHO, 2002). Para muitos pesquisadores, o ato de depredação é uma forma de violência que precisa ser considerada com muito cuidado, pois, embora seja um ato de indisciplina, pode ter motivações complexas que envolvam problemas psicológicos, sociais e culturais (BALLONE, 2002).

A depredação do patrimônio público que ocorre em escolas é considerada um distúrbio leve que, entretanto, pode agravar-se com o tempo e gerar sérios problemas futuros como a delinquência e o crime (VILLAS-BOAS, 2000; BERLIM, 2001).

Segundo SILVA (1998) e ROCHA (2000) a depredação do patrimônio escolar pode ser decorrente da indignação de alguns jovens por causa da exclusão social, cultural, falta de assistencialismo e repressão.

SPOSATI (1996) considera mais importante o fator psicológico, afirmando que a depredação está relacionada com a violência que os alunos recebem na própria escola, refletindo na forma como o aluno enxerga a organização desta instituição. Há alunos que vêem o patrimônio físico da escola como um cárcere, cheio de punições e vigilância.

Outros pesquisadores afirmam que a indisciplina é causada pelo abandono familiar ou distanciamento entre professores e alunos (CARVALHO, 1997; AQUINO, 1998). Estes autores sugerem que os professores se esforcem para entrar em sintonia ou tentar “*falar a mesma língua*” dos seus alunos para que problemas de comunicação

sejam evitados, promovendo o melhor entendimento das necessidades e dos desejos uns dos outros.

Uma forma interessante de evitar a depredação é canalizar a energia que seria usada para a agressividade para outras atividades como esportes, artes marciais, artes plásticas e cênicas (CARVALHO, 1997).

VIEIRA (2004) propõe o método de educação elucidativa, que consiste em estabelecer regras ou dar ordens, seguidas da sua justificativa. Isto é importante, pois mostra o valor da regra e diminui a força do autoritarismo absoluto, que muito contribuiu para a formação de adolescentes violentos e revoltados. Educadores são unânimes ao sugerir que a escola exerça de fato uma democracia não autoritária, que conta com a participação dos alunos na elaboração de suas regras de funcionamento e normas de conduta, o que em muito contrasta com os parâmetros antigos da educação que valorizava o aluno quieto, reprimido, constantemente humilhado pelo professor (SILVA, 1998).

Ações de inserção da comunidade na escola podem também enriquecer a vida escolar, diminuindo os casos de violência social e depredação. Isto através da comunicação como palestras, e da ação como o projeto da horta comunitária (MEDRADO, 1998).

Na Escola, a maioria dos estudantes que a depredam possuem a noção de que o que fazem é errado. Entretanto, quem comete este ato nunca acha que será pego em flagrante, porque aposta na impunidade (VIEIRA, 2004; NUNES & ASSMANN, 2000).

O levantamento e a análise das causas da depredação pode constituir-se numa importante ferramenta para um trabalho dirigido de conscientização da comunidade escolar em prol da preservação do patrimônio comum. Além disto, é preciso desenvolver na Escola um processo contínuo e dinâmico que retira o aluno da alienação

e da crença de que não haverá conseqüências para seu ato de vandalismo. A participação dos professores neste processo é indispensável, para que os alunos compreendam também a gravidade das conseqüências financeiras e éticas de seus atos (SANTOS & BOTELHO, 1997). Sem a depredação, os recursos escolares poderiam, por exemplo, ser integralmente aplicados na melhoria da estrutura escolar, o que geraria um aumento na qualidade do ensino e benefícios para toda comunidade envolvida com a escola (BALLONI, 1980).

2. Problema

Durante meu período de regência nas práticas de biologia, percebi a escola suja e mal conservada. Isto incomodou a mim e ao meu parceiro de estágio. Na tentativa de poder investigar as causas e possíveis soluções deste problema, decidi desenvolver este trabalho, propondo-me a responder as seguintes questões:

- ? O que os alunos acham sobre a depredação?
- ? Há como prevenir a depredação escolar?
- ? O que pensam os dirigentes e professores sobre a depredação escolar?

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral

Caracterizar as causas e formas de depredação do patrimônio físico da Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza.

3.2. Objetivos específicos

- Caracterizar os atos de depredação na Escola.
- Saber a opinião dos alunos sobre as causas da depredação e suas sugestões de ação para evitá-la.
- Conhecer a opinião de professores e dirigentes sobre a depredação da escola.

4. Metodologia

A escolha da escola foi intencional, pois foi nesta que o pesquisador realizou seu estágio supervisionado de biologia. Esta característica reforça bastante o caráter da pesquisa qualitativa, visto que este tipo de pesquisa preocupa-se bastante com os depoimentos e acontecimentos vividos na escola pelo pesquisador.

A caracterização das formas de depredação da estrutura do prédio foi feita por meio de observações criteriosas, durante diversas visitas feitas à escola, quando foram fotografados os casos mais críticos. Além disto, foi aplicado um questionários para 120 alunos, escolhidos de forma aleatória durante o recreio, sendo 40 de cada turno. Este questionário continha questões discursivas que visavam traçar a consciência crítica dos alunos frente à depredação. Os sujeitos entrevistados responderam o questionário de forma escrita durante o segundo semestre de 2004. O modelo do questionário aplicado aos alunos está descrito a seguir:

MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1. Idade:
2. Sexo:
3. Você acha bom ver a escola depredada?
4. Você acha que a depredação altera a qualidade do ensino?
5. Você já viu alguém depredar a escola? De que maneira? 6. Você sabe qual (quais) motivo (s) para a depredação?
7. Já que todos somos donos e responsáveis pela escola, aponte alguma (s) forma (s) para evitar a destruição do colégio que você estuda.

Foram também entrevistados seis professores, a coordenação pedagógica, os diretores de turno e o diretor escolar para saber suas opiniões sobre a depredação. As entrevistas foram feitas a partir de questões dissertativas, com auxílio de um gravador durante o primeiro trimestre de 2005. As questões formuladas foram:

MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES E DIRIGENTES

1. Qual a sua opinião sobre a depredação na Escola?
2. Aponte medidas que possam evitar a depredação da Escola
3. O que você acha que deve ser feito com o aluno depredador?

5. Resultados

5.1. Caracterização das causas e formas de depredação na escola

Durante as visitas à escola observaram-se várias formas de depredação. Os alunos escrevem e fazem pichação com tinta spray nas paredes, carteiras e portas da escola. Atiram pedras e quebram vidros, chutam mesas, cadeiras, portas e até o muro da sacada do piso superior (Figura 1). A caixa d'água continha tocos de cigarro, ali colocados pelos próprios alunos, comprometendo a qualidade da água consumida na escola. Foi observado inclusive que alguns alunos não bebem a água da escola, trazendo-a de casa.

5.2. Opinião dos alunos sobre a depredação escolar

Os alunos que responderam o questionário tinham, em média, 15,7 anos de idade. Nos turnos matutino e noturno, predominaram alunos com cerca de 17 anos de idade. Já no turno vespertino a maioria dos entrevistados tinha 12 anos de idade (Figura 2).

Foram entrevistados 46 alunos (38%) e 74 alunas (62%). Muitos meninos quando recebiam o questionário não quiseram respondê-lo, devolvendo-o em branco. Já as meninas interessavam-se mais e foram mais receptivas (Figura 3).

A grande maioria dos alunos entrevistados (92,4%) não gosta de ver a escola depredada. Entretanto, 3,4% dos entrevistados afirmaram gostar de ver a escola depredada, sendo que os demais (4,2%) anularam suas resposta, marcando duas alternativas (Figura 4).



Figura 1: Fotografias tiradas na Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza. Em A escrita na parede e vidros quebrados. Em B mostra o trinco quebrado causado por chutes na porta. Em C porta quebrada em decorrência de chutes e vidros quebrados. Em D muro da sacada do piso superior danificado por ação de vandalismo. Em E carteira rabiscada e escrita.

Grande parte dos alunos (73,3%) afirmou que a conservação da instituição influencia a qualidade do ensino, justificando que *“a falta de material atrapalha o andamento dos estudos, a escola suja desestimula o estudo, as cadeiras e carteiras quebradas e sujas podem sujar e até mesmo machucar os alunos.”*

Outro aluno respondeu que *“a escola, quando está suja e com carteiras quebradas, passa uma impressão de ser ruim e de não oferecer um ensino de qualidade”*. Entretanto, uma minoria dos alunos (26,7%) acredita que o estado em que a escola se encontra não interfere na sua qualidade do ensino, e que esta estaria apenas fundamentado na atuação do professor (Figura 5).

Cerca de 40% dos alunos responderam que nunca viram atos de depredação na escola, mas, a maioria (60%) respondeu já ter presenciado ações depredativas, sendo estas bastante comuns na instituição (Figura 6).

As principais formas de depredação apontadas pelos alunos foram: uso de corretivo e canetas para riscar carteiras, portas e paredes; descarte indevido de chicletes (que são jogados no chão ou colados nas paredes); quebra de carteiras e cadeiras; pichação das paredes, portas, janelas; destruição do muro das sacadas. Além disso, foram citados os atos de jogar pedras contra a estrutura do prédio da escola e soltar bombas no banheiro.

Muitos alunos (20,7%) disseram não saber o motivo para o ato de depredação. Houve um estudante que falou que *“a escola fica melhor e mais legal depredada”*. Contudo a maioria dos entrevistados (77,6%) afirmou que os atos de vandalismo podem ocorrer por: *“falta de educação, revolta, rebeldia, atitude intencionalmente rebelde para chamar a atenção, demarcar território, ou ter maior aceitação na turma, burrice, ignorância, falta de consciência, carência de afeto, ignorância, infantilidade,*

inconseqüência, diversão, baixa qualidade no ensino". Os demais (1,7%) não responderam esta questão (Figura 7).

Quanto às soluções apontadas para o problema do vandalismo escolar, foram dadas as seguintes sugestões: *"ação de policiais e monitoramento de segurança, trabalhos psicológicos, palestras e conversas para a conscientização de toda comunidade escolar"*. Os alunos mais radicais queriam *"expulsar, prender, agir de maneira rigorosa com os que depredam a escola"*. Outros acham que os alunos deveriam se responsabilizar pelos materiais danificados, repondo-os.

Alguns disseram ser impossível a missão de solucionar o problema do vandalismo e outra parte dos alunos (3,3%) não sabia como solucionar o problema. Cerca de 10,9% deixaram esta questão em branco (Figura 8).

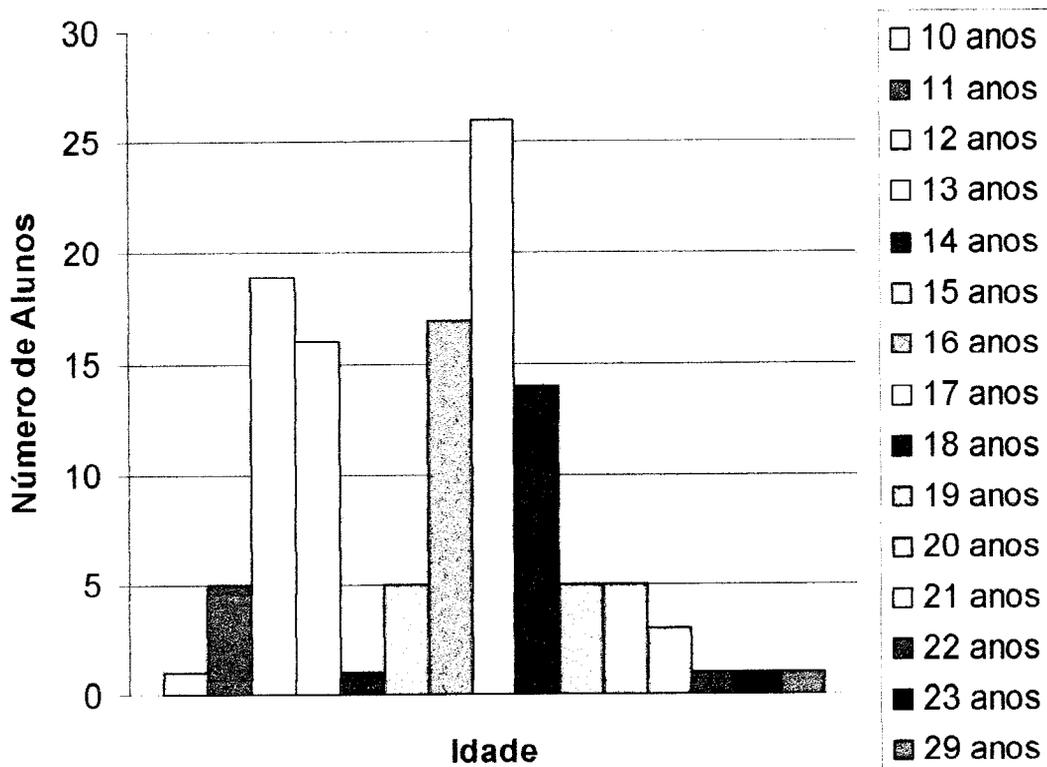


Figura 2 – Número de alunos entrevistados da Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza, por classes de idade.

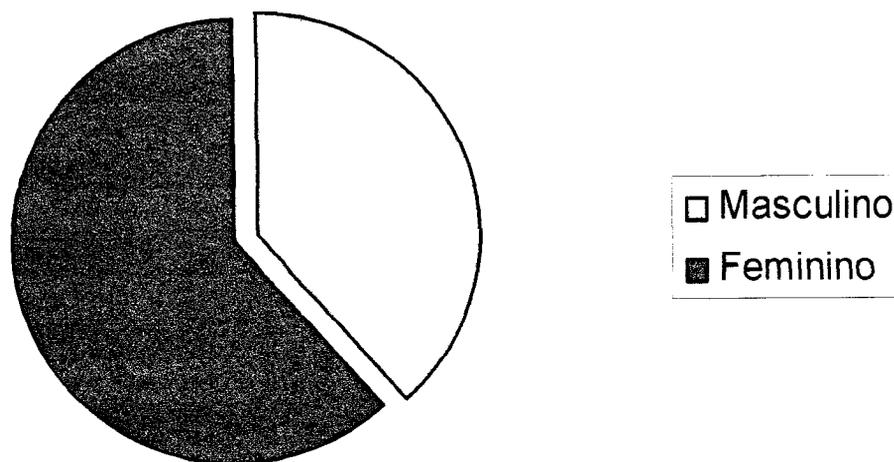


Figura 3 – Porcentagem de alunos, por sexo, entrevistados da Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza.

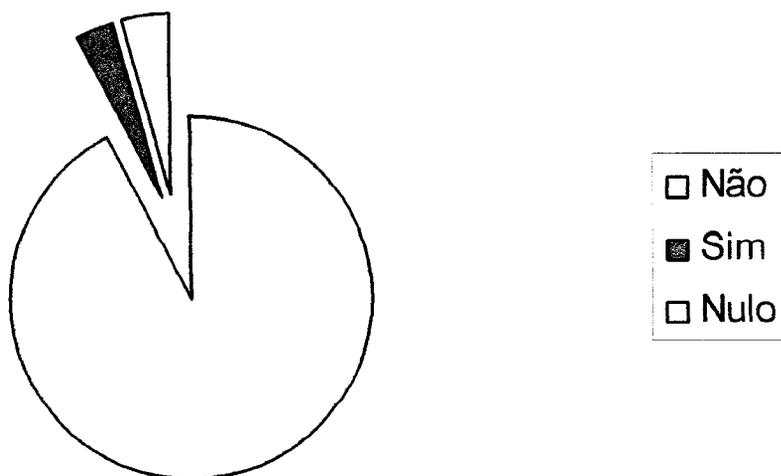


Figura 4 - Categorização das respostas relativas à seguinte pergunta: Você acha bom ver a escola depredada?

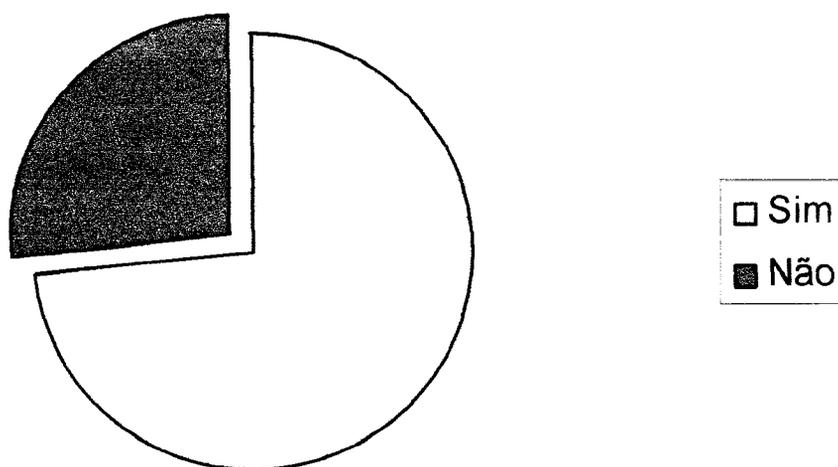


Figura 5 - Categorização das respostas relativas à seguinte pergunta: Você acha que a depredação altera a qualidade do ensino?

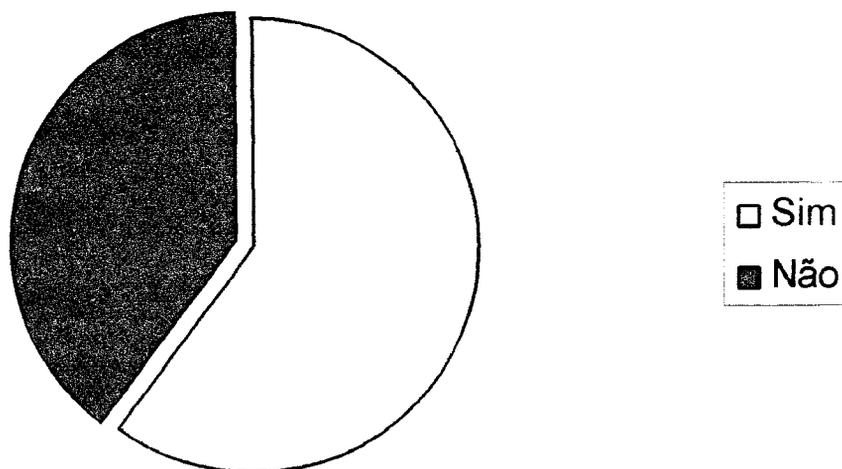


Figura 6 - Categorização das respostas relativas à seguinte pergunta: Você já viu alguém depredar a escola?

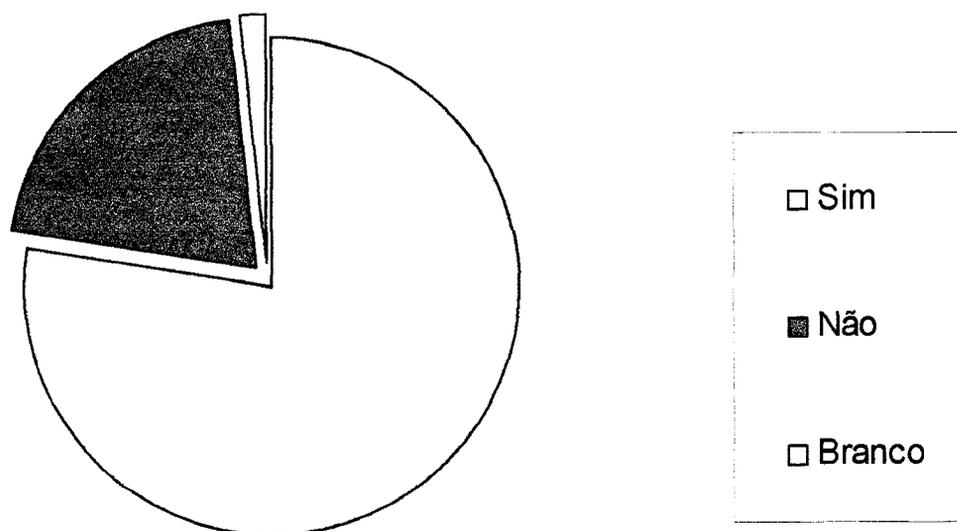


Figura 7 - Categorização das respostas relativas à seguinte pergunta: Você sabe qual é o motivo para a depredação?

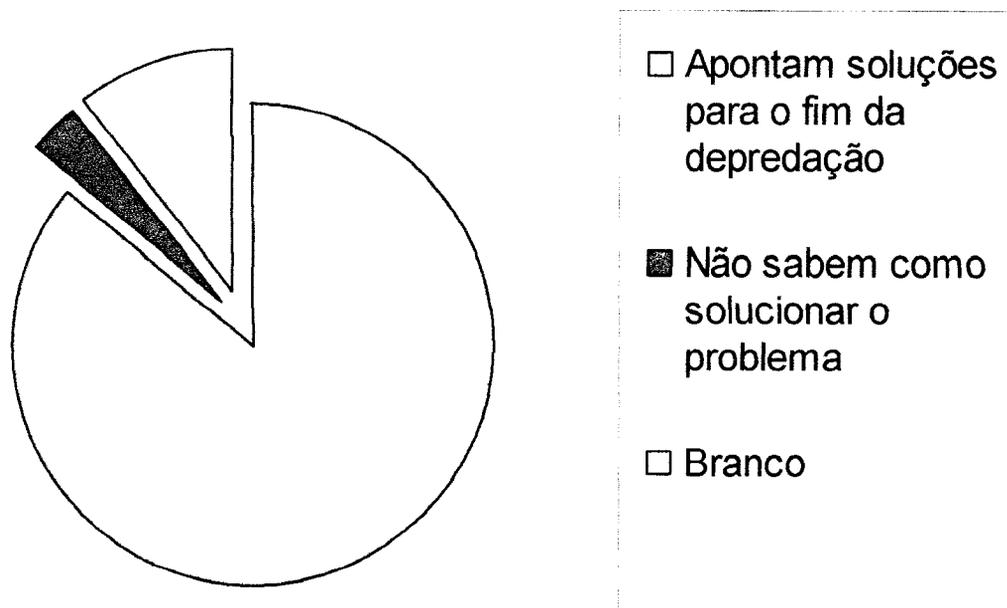


Figura 8 - Categorização das respostas relativas à seguinte pergunta: Já que todos somos donos e responsáveis pela escola, aponte alguma (s) forma (s) para evitar a destruição do colégio que você estuda.

5.3. Opinião dos professores e dirigentes sobre a depredação escolar

Todos os entrevistados foram unânimes em não concordar com a depredação escolar e considerá-la um ato sério, que infelizmente ocorre em todas as escolas públicas. A maioria apontou o aluno como principal agente depredador. A ineficiência da educação familiar e exemplos de episódios de violência do cotidiano dos adolescentes foram apontados como causas fundamentais da depredação.

Um aspecto interessante é a idéia de que a depredação escolar revela que a escola não está cumprindo bem sua função social:

“A minha opinião é que a depredação é lamentável, uma vez que a escola faz parte de um contexto social. Sendo assim, entendo eu que a depredação é sinal de que a escola não vem ou não está servindo à comunidade a que está inserida. Então não cumpre de forma satisfatória aquele papel que lhe é próprio, que é a função social”.

“... então a escola tem tentado suprir de alguma maneira, esta deficiência, mas ela não tem encontrado facilidade em estar desenvolvendo este trabalho”.

“Quem depreda não está preocupado com o futuro da escola”.

Outro dado mencionado é a ineficiência da educação ou da formação de valores éticos dados pela família:

"A família não se envolve e a coisa vai".

"Que ela é um fator grave, considerando que a escola é a segunda casa do aluno, o ambiente que ele deveria ajudar a preservar, bem como os professores e demais funcionários da escola. Todos devem contribuir para a preservação do ambiente escolar".

"Minha opinião é que é uma questão de formação familiar. Muitos alunos depredam a escola porque não sabem dar valor às coisas que tem em sua própria casa, não recebem uma orientação devida da família, nem sequer moram com os pais, não tem valores, não tem ponto de referência no seu próprio lar".

"Acho que é um dos piores fatores da depredação é a questão do jovem de hoje não estar recebendo a educação de berço, ele chega na escola com o comportamento bem desestruturado. Devido a esta falta de educação de berço".

“Eu tenho notado na escola a falta de limite dos alunos. Que eles estão vindo despreparados de casa. Educação a gente dá em casa, no lar”.

“Isto é educação de origem familiar, isto é falta de base da família. Gera a depredação por falta de consciência do aluno”.

Foi ainda citado o fato da depredação ser considerada ato normal e corriqueiro, sem consciência de sua gravidade e conseqüências:

“... Começa a ver o colega fazer e acha que (às vezes) é bonito e começa a depredar também. É o caso de pichar muro. Às vezes ele vê o colega fazendo a pichação de muro e acha que aquilo é bonito então ele resolve fazer isto também. Pois ele achou que a pichação é bonita”.

Questões sociais mais amplas relacionadas à exclusão social e que afetam a auto-estima foram mencionadas por um entrevistado:

“Outro fator que também influencia, na minha opinião é a questão da auto-estima do jovem. Ele tem chegado na escola com auto-estima lá em baixo. Então ele vem de casa massacrado pela própria família, pela própria sociedade, que pra ele jovem, tudo do jovem não presta, a roupa dele é

inadequada, o som que ele ouve não é o bom, não é o certo, o comportamento dele em si, não é o bom. Então eu acho que é isto aí que influencia muito na auto-estima do jovem hoje. Quando ele chega aqui massacrado da sociedade e de casa dentro da escola ele tenta mostrar-se de alguma forma e às vezes pensa na depredação”.

A maioria acha que para prevenir a depredação deve-se trabalhar com o aluno em nível psicológico, juntamente com sua família e toda a comunidade escolar. Para isto devem-se capacitar todos os docentes e técnicos escolares e usar, se preciso, as disciplinas cursadas curricularmente ou implantar projeto que trabalhe a indisciplina como um todo.

“... a gente tem como conscientizar os meninos, a gente procura fazer através de gincanas, de palestras, e mesmo de ‘sermões’ (entre aspas)”.

“Primeiro a conscientização de todos, aluno principalmente. Também acho que precisa ter é o respeito com os serviçais, que às vezes chama a atenção dos alunos e eles zombam com os serviçais não estão nem aí, não aceita fala que eles não mandam nos alunos, mesmo gente de fora da escola”.

“Seria a prevenção, e como todo trabalho preventivo, ele só dá resultado em longo prazo. E, por exemplo, no ensino médio a gente já tem alunos que tem a concepção de mundo

formado, que já tem (não é uma consciência) uma falta de consciência cristalizada. Então teria que começar a trabalhar com estes alunos lá nas séries iniciais”.

“Deve começar com o trabalho social na casa do aluno depredador. Uma conversa com os pais, talvez o encaminhamento a um aconselhamento psicopedagógico, trabalhar a conscientização em sala e individual, e fazê-lo responsabilizar pelo dano causado ao patrimônio, afinal há leis específicas para danos contra o patrimônio público. E o menino deveria ser apontado ou ele ou o responsável legal, pai, mãe ou tutor”.

“A principal medida é a conscientização realmente. Através de orientações, através de palestras, e também desenvolver um trabalho ao nível de sala de aula mais eficaz. Um trabalho mais coeso. Este aluno na verdade depreda porque está revoltado com alguma coisa. Então ele está querendo descarregar aquela energia acumulada na sua revolta no dia-a-dia. Então este jovem tem que ser trabalhado de alguma forma. Agora, a gente precisa de pessoas qualificadas dentro da escola para estar trabalhando esta situação. Às vezes psicólogo, orientador específico a esta área para estar trabalhando este jovem. Trabalhando os jovens em si. E colocar no currículo algumas matérias que

possam estar trabalhando temas que venham para sanar este problema, de depredação”.

“Chamar a família junto à escola e fazer um trabalho com os alunos e família, sobre a questão da valorização do patrimônio público”.

Todos os entrevistados foram unânimes ao afirmar que o correto seria o aluno responsabilizar-se pelo dano causado à escola e que a suspensão e advertências não seriam boas medidas para se educar o aluno depredador. Foi ainda sugerida a prestação de serviços comunitários como forma de evitar que este aluno depreda novamente ou que os pais ou responsáveis ficassem cientes dos atos de depredação cometidos na escola.

“A primeira iniciativa da maioria das pessoas ao deparar com o jovem depredador as pessoas no primeiro momento todas as pessoas pensam em eliminar: expulsar, mandar embora. E ao meu entender esta não é a primeira alternativa. Não é a solução do problema. A solução é trabalhar este jovem. É trabalhar o porquê de suas ações, o porquê desta revolta é aí que vamos estar resolvendo o problema do jovem. Porque este jovem que depreda a escola uma vez expulso da escola, ele vai depredar a rua, vai assaltar, ele vai brigar, então ele vai desestruturar ainda mais a sua vida. Então dentro da escola é uma oportunidade

de estar resolvendo este problema do jovem em si. E até porque o jovem adolescente em si ele ainda está com sua mentalidade em formação. Então precisa de direcionamento, precisa de pessoas que esclareçam para ele a verdade das coisas e a situação. O que é a vida realmente. E uma vez conscientizado, que este jovem adolescente que a escola é um patrimônio dele aluno quanto aluno. E que quando ele chega, estes jovens que depreciam a gente vê que, nota que eles não enxergam a escola como sendo algo dele, ele acha que a escola é do diretor ou é da direção ou dos professores não é dele aluno. Então isto é um ponto que precisa trabalhar muito no aluno. Ele não enxerga desta forma enquanto deveria enxergar “.

6. Discussão

A indisciplina foi considerada um ponto grave gerador de depredação na Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza, segundo levantamento efetuado por SOUZA, (2005) e GUIMARÃES & SOUZA, (2001). Este ato de vandalismo é comum na instituição, e muitos estudantes não se dão conta e não dão o valor devido ao patrimônio colocado à sua disposição. Infelizmente este não é um problema exclusivamente das escolas públicas, mas também de escolas privadas. Além disto, a depredação está presente no nosso cotidiano e muitas vezes não nos damos conta da sua gravidade ou não percebemos como ela é desagradável em nossa vida. Ao depararmos com uma cidade suja e mal cuidada, sofremos uma forma de violência, um tipo de poluição visual, que pode motivar a raiva, a angústia, dentre outros sentimentos desagradáveis.

O vandalismo é uma atitude difícil de ser mudada, pois requer um processo de conscientização que leva anos para surtir efeito. Entretanto, vários grupos e instituições tentam, sem desistir, modificar esta terrível realidade através de projetos sérios que usam de várias formas possíveis com atos de comunicação, ações e exemplo (MEDRADO, 1998).

A análise dos resultados dos questionários mostra justamente a falta de consciência, já que a maioria dos alunos não gosta de ver a escola destruída, apesar de serem os próprios alunos os principais responsáveis por sua depredação. Além disto, os estudantes não têm consciência de que o patrimônio público pertence a eles, e que este patrimônio foi construído e é mantido por quem paga imposto, sendo, portanto, de sua responsabilidade a sua conservação, já que são os cidadãos que mais usufruem deste patrimônio.

Sobre os alunos é importante ressaltar o valor de sua auto-estima, pois se ele mesmo não tem valor nada mais terá seu devido valor incluindo o patrimônio. Outro ponto a ser considerado é a necessidade de normas e de regras claras na vida deste aluno. As regras devem ser ressaltadas no âmbito escolar mais principalmente na escola.

Alunos do sexo masculino, da faixa etária dos 12 aos 16 anos acham qualidade do ensino não está relacionada às condições físicas e estruturais da escola. CAMPOS (2005) mostra estes alunos como o perfil do aluno depredador, pois são os que depredam mais a escola.

Os estudantes entrevistados acreditam que a depredação ocorra principalmente por rebeldia contra normas da escola e/ou da própria sociedade. Além disto, mencionaram a impunidade contra quem depreda a escola. SILVA (1998) e ROCHA (2000) também mencionam em suas investigações a relação entre rebeldia, depredação escolar e impunidade.

Foi cobrado por parte dos dirigentes escolares um maior comprometimento familiar com a realidade da escola. Segundo os depoimentos coletados, a desestruturação familiar e o precário convívio familiar com o cotidiano escolar estão ligados diretamente com o inadequado comportamento do aluno na escola. O aluno depredador é também um aluno indisciplinado e desinteressado no estudo e na aprendizagem (SOUZA, 2005). Por causa disto, é indispensável a presença e a participação familiar.

Foram bastante impressionantes os depoimentos que consideraram a depredação como ato corriqueiro e belo, ou mesmo atitudes que os alunos vivenciam no dia a dia e acabam por copiar.

Nenhum professor alegou ver um colega de profissão ou ele próprio depredando a escola. Os professores e dirigentes de certa forma se excluíram deste aspecto durante a

entrevista. Sabe-se que o professor direto ou indiretamente faz parte deste contexto. E que o professor pode até depreder menos, porém deprede com o uso de giz e cigarro (tabagistas). Com isto observou muitos que além de se excluem se distanciam do problema afirmando que a solução viria através da ajuda de um agente externo com palestras, gincanas, e outras atividades pedagógicas.

Uma pequena minoria dos dirigentes afirmaram durante a entrevista que a prestação de serviços comunitários é uma forma punitiva que deve ser empregada para o aluno depreder. Porém este tipo de trabalho não deve ser uma punição e sim uma recompensa, pois ensina valores éticos e sociais. E isto é algo para ser prazeroso e não forçado e obrigado.

Durante a entrevista com os professores e dirigentes, notou-se um grande desgaste na relação aluno-professor-dirigentes. Os professores e dirigentes escolares estão exaustos de trabalhar com alunos que causam tantos problemas (CAMPOS, 2005).

Para evitar a depredação, é necessário resgatar valores morais e éticos nos estudantes. Alunos precisam ter um ambiente familiar adequado. Os pais e responsáveis deveriam envolver-se mais com a vida escolar de seus filhos e auxiliá-los em parceria com os seus professores. Mas, como conseguir isto num país tão desigual, tão injusto, com dirigentes tão descompromissados com a educação?

A escola poderia ser mais atrativa, contextualizada, oferecendo atividades tanto para os pais, quanto para os alunos como: tricô, crochê, bordado, esportes, artes marciais, artes plásticas e cênicas (CARVALHO, 1997). Tentando gerar um ambiente harmonioso e sem conflitos e vandalismos (CAMPOS, 2005).

Os professores e dirigentes além de serem os responsáveis pelas regras e normas no Plano Político Pedagógico (PPP) da escola, são os responsáveis pela observação e pelo cumprimento das normas. Sabe-se que a impunidade é também geradora de

depredação. Por isto a escola deve ter maior autonomia para punir o aluno para que este aluno que não é educado em casa seja educado na escola.

7. Considerações Finais

Na opinião dos entrevistados os alunos são os principais responsáveis pela depredação escolar, e não dão valor ao patrimônio público apesar de ser de grande valia para esta fase de suas vidas. O aluno depredador deve aprender na escola certos valores que muitas vezes não são passados em sua casa.

Os dirigentes estão exaustos e irados com a depredação escolar. A falta de compromisso dos alunos não somente frente ao patrimônio físico, mas diante de seu aprendizado deixa-os muitas vezes impotentes para resolver problemas como este, que é de origem extra-escolar. Porém os professores excluem-se como depredadores e muitas vezes querem distância de certos problemas.

Acredito que a solução é chamar a família para fazer parte indispensável da vida escolar. Para isto, a escola tem que atrair os familiares dos alunos e trabalhar valores morais e éticos, promovendo, assim, uma postura descente de toda a sociedade frente à depredação. Se a família não vier, a escola deveria ter autonomia suficiente para educar o aluno independente da visão da sociedade externa. Pois a escola é uma instituição de ensino e sua função social deve ser cumprida, porém é necessário maior autonomia da escola frente à educação.

8. Bibliografia

- AQUINO, J. G., 1998. *A indisciplina e a escola*, In: Revista da Faculdade de Educação, v. 24, n. 2, p. 181-204, jul./dez. São Paulo, S. P.
- BALLONE, G. J., 1980. *A pré-escola como programa de instituição*, Prefeitura de Paulínia, Paulínia, São Paulo.
- BALLONE, G. J., 2002. *Comportamento Violento 3* – In: PsiquWeb, Internet, disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/forense/violen3.html>>.
- BERLIM, C. G., 2001. *Dizer não e dar limites*, In: Revista do Professor, v. 17, n. 68, p. 40-41, out./dez. Porto Alegre, R. S.
- CAMPOS, D. L., 2005. *O regime disciplinar na Escola Estadual José Inácio de Souza de Uberlândia*, M. G., Monografia apresentada para a obtenção do título de bacharel na Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia M. G.
- CARVALHO, P., 1997. *A indisciplina nossa de cada dia*, In: Educação, maio, p. 34-42.
- GUIMARÃES, A. A., SOUZA, A. C., 2001. *O significado da indisciplina no cotidiano da escola*, In: Nuances, v. 6, p. 116-122, out.
- MEDRADO, H. I. P., 1998. Formas contemporâneas de negociação com a depredação. Caderno Cedes, vol.19, n. 47, p. 81-103.
- NUNES, N. A., ASSMANN, S. J., 2000. *A escola e as práticas de poder disciplinar*, In: Perspectiva, v. 18, n. 33, p. 135-153, jan./jun. Florianópolis, S. C.
- ROCHA, C. M. F., 2000. *Entre palavras e coisas... Infinitos controles*, In: Educação & Realidade, v. 25, n. 1, p. 183-201, jan./jun.
- SANTOS, C. A. S., BOTELHO, M. P., 1997. *Romper Limites: ousadia ou indisciplina*, In: Dois Pontos, p. 21-23, maio./jun.

- SANTOS, C. A. S., BOTELHO, M. P., 2002. *A (in) disciplina interfere na aprendizagem?*, In: *Amae Educando*, n. 309, p. 12-17.
- SILVA, L. C. F., 1998. *Possíveis incompletudes e equívocos dos discursos sobre a questão da disciplina*, In: *Educação & Sociedade*, ano 18, n. 62, p. 125-150, abr.
- SOUZA, N. G. F. S., 2005. *A violência nas escolas*, Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, monografia apresentada para aquisição do título de Normal Superior, Projeto Veredas, Uberlândia M.G.
- SPOSATI, A. I., 1996. *Mapa da exclusão / inclusão social da cidade de São Paulo*, Editora da PUC-SP, São Paulo.
- VIEIRA, T. 2004. *Unidade 2 – A criança e a regra*, In: *Coleção Veredas*, módulo 6, v. 2, p. 120-150, Belo Horizonte, M. G.
- VILLAS-BOAS, S., 2000. *A Submissão X Rebeldia procedimentos para tratar alguns sintomas de confusão diante dos limites*, In: *Revista do Professor*, v. 16, n. 33, p. 48, abr./jun. Porto Alegre, R. S.

